

Resenha para o **Jornal do Brasil** (publicada em 22/4/1995)

MONTESQUIEU. Grandeza e decadência dos romanos. São Paulo, Paumape, 1995.

Como ler um clássico ? Para o historiador francês Roger Chartier, é preciso adotar um procedimento duplo: inscrevê-lo no seu tempo, "escutando-o simultaneamente no presente".

De início, portanto, precisamos perguntar o que levou Montesquieu a escrever um pequeno livro sobre os romanos, catorze anos antes de publicar O Espírito das Leis, uma das obras mais importantes do pensamento político. O barão de Montesquieu, como era comum entre os bem-nascidos do seu tempo, teve uma sólida formação clássica, o que se reflete no impressionante leque de fontes antigas por ele utilizadas. Não pense o leitor, porém, que Montesquieu escreveu sobre os romanos por diletantismo, longe disso.

O título original da obra é "**Considerações sobre as causas** da grandeza e decadência dos romanos ". O trecho em negrito, ausente do título da tradução brasileira, é essencial. Isto porquê, mesmo há mais de dois séculos e meio atrás, para ser preciso em 1734, Montesquieu pretendia, sobretudo, refletir e explicar . O valor que poderia ter uma investigação deste tipo para ele, fica claro já no primeiro capítulo: *"como os homens tiveram em todos os tempos as mesmas paixões, as ocasiões que produzem as grandes mudanças são diferentes, mas as causas são as mesmas"*.

Em outras palavras, Montesquieu acreditava em uma "natureza humana", motivo pelo qual, ao estudar os romanos, estaria conhecendo melhor os homens do seu tempo. E que idéia tem do Homem, afinal ? Pessimista, basicamente: *"os homens são muito bizarros", "a maioria dos homens quer coisas contraditórias"*. Isto não o impede de alegrar-se com o exemplo do imperador Marco Aurélio: *"Sentimos um prazer secreto ao falar desse imperador; não podemos ler sua vida sem uma espécie de enternecimento; e tal é o efeito que ela produz que passamos a ter uma opinião melhor de nós mesmos, pois passamos a ter uma opinião melhor dos homens"*.

Também crê no "caráter nacional" e na influência do clima. A Macedônia, por exemplo, era habitada por povos *"propensos à guerra, corajosos, obedientes, industriosos, infatigáveis"*, enquanto nos palácios da Ásia grassavam *"O luxo, a vaidade e a moleza"*. Mas não acredita no determinismo geográfico: o gênio de cada povo transforma-se (e corrompe-se) devido a motivos históricos e, sobretudo políticos. O valor guerreiro, o amor à família e a pátria - as principais qualidades dos romanos para Montesquieu, são fruto de diversos fatores: a belicosidade dos seus vizinhos fazia com que Roma fosse *"se exercitando nas virtudes que tão fatais deveriam revelar-se ao Universo"*; o interesse em defender a pátria surge da partilha de terras que tornara cada soldado um sócio da República.

Como vemos, a "modernidade" dos argumentos de Montesquieu é surpreendente, tendo-se em mente que escreve mais de meio século antes da Revolução Francesa. É admirável, por exemplo, que Deus só apareça uma vez no

texto, sem que lhe seja atribuído valor explicativo. Para ele, nada ocorre por acaso, a "história-batalha" é desprezível: *"Existem causas gerais, morais ou físicas, que atuam em cada monarquia, elevando-a, sustentando-a ou precipitando-a; todos os acidentes estão sujeitos a essas causas e, se o acaso de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruinou um Estado, existia ali uma causa geral a forçar esse Estado a perecer graças a uma única batalha."*

Transparece no texto a idéia de que o valor determinante para a grandeza e a decadência dos povos é a moral. Os romanos foram vítimas da ambição e do enriquecimento desmedidos que levaram à corrupção. Deste modo, se *"a força da República consistia na disciplina, na austeridade dos comportamentos e na observância constante de certos costumes"*, a fraqueza do Império decorria do excessivo valor militar: *"aqueles guerreiros tão orgulhosos, tão audazes, tão terríveis no exterior não podiam moderar-se no interior."* Montesquieu descreve com certo horror e muita inteligência como os imperadores tornaram-se reféns dos soldados e como isto foi desastroso, pois *"nada há de mais cego do que um exército"*.

Trata-se, portanto, de uma obra valiosa, tanto para o historiador da Antiguidade, quanto para o estudioso da obra de Montesquieu ou do pensamento do século XVIII, para dar apenas três exemplos.

Nada do que foi dito até aqui, no entanto, resume a mais preciosa contribuição do livro que estamos a analisar. O mais emocionante para este leitor é a paixão que Montesquieu dedica ao seu tema, a intensa curiosidade pelo que chama "o espetáculo das coisas humanas". Decerto não se esquecera da frase do comediógrafo Terêncio: " Sou homem, nada do que é humano me é alheio".

Rio de Janeiro, 3 de abril de 1995.

Marcos Alvito Pereira de Souza